

Turbulência volta a derrubar Bolsa

Mesmo com declarações da equipe econômica do governo, Bovespa fecha em baixa de 1,89%

Guilherme Botelho

Mesmo com as declarações públicas da equipe econômica do governo de que o Brasil estaria imune à crise americana, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) encerrou ontem com mais uma queda, desta vez de 1,89%. Ainda assim, especialistas fazem coro com os economistas do governo e acham que a turbulência imobiliária e financeira instalada nos Estados Unidos ainda não deve abalar o país.

Um dos catalisadores da crise que provocou um efeito-dominó nas bolsas mundiais tem sido as aparições diárias de Alan Greenspan, ex-homem forte do banco central americano. À frente da instituição durante 14 anos, foi responsável por manter os juros no patamar de 1% por três anos. Incentivou, assim, os bancos a tomarem di-

nheiro barato e expandirem o crédito para pessoas sem condição de pagar. Era o início da bolha, que estourou quando os juros subiu, observam economistas brasileiros.

Investimentos

Ernane Galvêas, ministro da Fazenda no governo Figueiredo e ex-presidente do Banco Central, disse ao JB que o sistema financeiro hoje é baseado em securitização, o que também ajudou a alimentar a expansão de créditos ruins no mercado imobiliário dos EUA.

— Os Estados Unidos têm muita força econômica — disse Galvêas. — O governo está atendendo os bancos e os candidatos políticos estão focados em resolver o problema. A crise existe, mas não tem a proporção que está sendo pintada. A quantidade de investimen-

País deveria discutir queda mais acentuada dos juros, ressalta ex-ministro

tos que estão programados para 2008 é grande: portos, rodovias, portos, cimento, papel e celulose. Devemos estar otimistas. Temos todos os motivos para isso.

O ex-ministro ressalta que o Brasil precisa estar atento às exportações para os EUA, que podem diminuir. Isso causaria prejuízos à siderurgia, ao papel e à celulose.

— Não há motivos para perder a calma, mas a única medida a ser tomada, e que ninguém quer falar

sobre, é baixar a taxa de juros. Aliviaria a carga financeira sobre o tesouro brasileiro. O governo gastou, ano passado, R\$ 150 bilhões de juros, devido às dificuldades em organizar seu orçamento.

Para o professor Ruy Quintans, do Ibmec-Rio, é importante situar a crise. A origem dela está nos Estados Unidos e ainda é reflexo do crédito subprime, de risco.

— Vários bancos, entre eles o Citibank, apresentaram um péssimo balanço, o que já era esperado — observa Quintans.

Renda fixa é alternativa

— O fato de as economias emergentes ainda estarem aquecidas é importante para o Brasil, porque ajuda a manter o preço das commodities em alta. Como o país tem reservas internacionais, poderá atravessar a crise sem maiores turbulências — acrescenta. — O momento é de cautela. O que está acontecendo é especulação. O investidor não deve tomar nenhuma atitude precipitada. Se tiver obtido algum ganho, pode relizar o lucro, aplicar numa renda fixa e esperar.

O economista ressalta que as consequências de uma recessão nos EUA são diferentes de uma retração econômica no Brasil. Aqui, haveria “impactos físicos visíveis, com pobreza e miséria”, alerta.

— Olado positivo disso tudo é que, pela primeira vez na história, fundos árabes e de países emergentes (como Coréia e China) investiram dinheiro em um banco americano. E fizeram isso porque sabem que, a longo prazo, a economia americana ainda é uma grande potência.

Valter Campanato/ABR

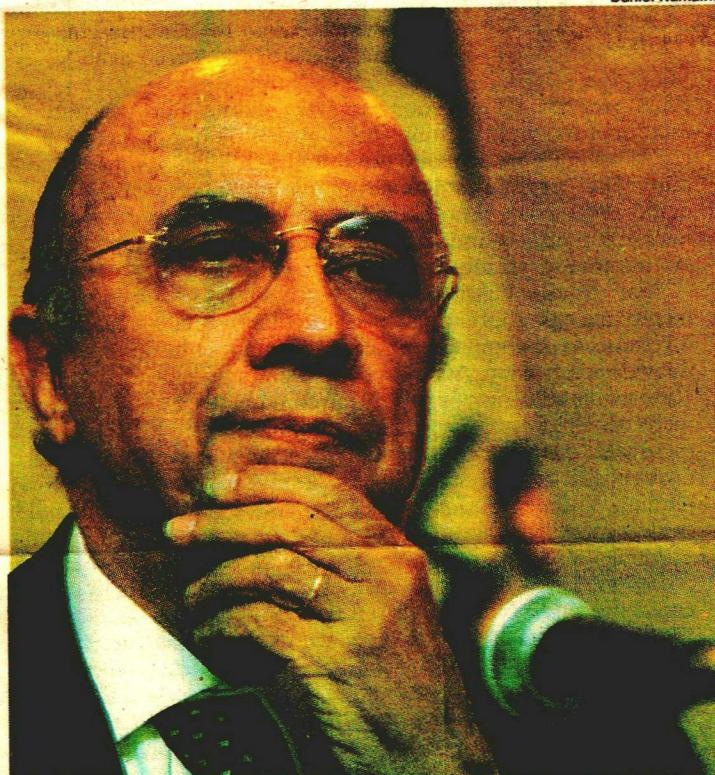
Daniel Ramalho

“
A crise existe, mas não tem a proporção que está sendo pintada. Devemos estar otimistas. Temos todos os motivos para isso.

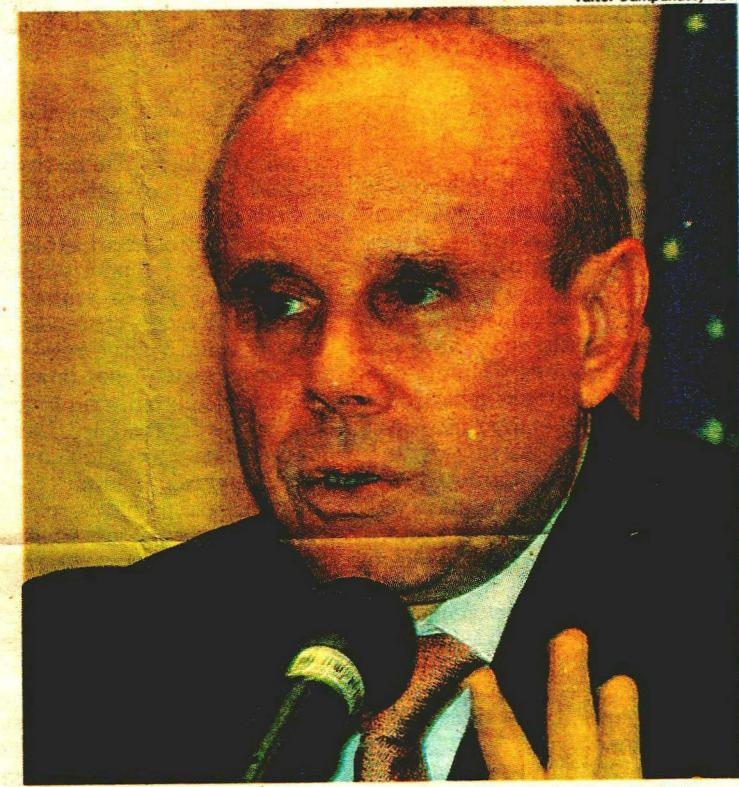
Ernane Galvêas
ex-ministro da Fazenda

“
O fato de as economias emergentes ainda estarem aquecidas é importante para o Brasil

Ruy Quintans
professor do Ibmec



FUTURO — Meirelles acha que cenário influencia crescimento brasileiro



FÉRIAS CURTAS — Mantega interrompeu descanso por ordem de Lula